



FELICIDADE INTERNA BRUTA: APLICAÇÃO E DISCUSSÃO NO CONTEXTO DE CIDADES DE PORTE MÉDIO BRASILEIRAS

ALINE PEREIRA SALES

Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (Ufla). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Marketing e Comportamento do Consumidor (Gecom-Ufla).

E-mail: alinepereirasales@gmail.com

AMÉRICO PIERANGELI COSTA

Doutorando e mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras (Ufla). Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do Grupo de Estudos em Marketing e Comportamento do Consumidor (Gecom-Ufla) e do grupo de Gestão e Marketing da Educação Física, Esporte, Saúde e Lazer (Gesporte-UnB).

E-mail: ampierangeli@gmail.com

RICARDO BRAGA VERONEZE

Graduando em Administração pela Universidade Federal de Lavras (Ufla). Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET-Ufla).

E-mail: rbveroneze@yahoo.com.br

CASSIANO DE ANDRADE FERREIRA

Graduado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (Ufla). Ex-bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET-Ufla).

E-mail: cassianoandradeferreira@yahoo.com.br

LIVIANE TOURINO REZENDE

Graduada em Administração pela Universidade Federal de Lavras (Ufla). Ex-bolsista no Programa de Educação Tutorial (PET-Ufla).

E-mail: livi.rezende@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo objetivou aplicar e discutir uma adaptação do questionário de Felicidade Interna Bruta (FIB), desenvolvido pelo Centro de Estudos do

Butão, em uma cidade brasileira de porte médio. Os resultados obtidos revelaram que as pessoas residentes nessa cidade apresentam níveis distintos de felicidade, de acordo com o sexo, a idade, a escolaridade e a região na qual residem.

PALAVRAS-CHAVE

Felicidade Interna Bruta; Butão; Aplicação; Cidade de médio porte; Administração pública.

INTRODUÇÃO

O ser humano, com seu desejo de descobrir o novo e medir tudo o que está ao seu redor, cria e recria ideias e práticas com o passar do tempo. Em meados de 1947, por exemplo, o surgimento do indicador Produto Interno Bruto (PIB) disseminou mundialmente o uso de indicadores econômicos para medir o progresso de um país. Já a partir da década de 1960, ascende nos Estados Unidos uma nova ideologia, que buscava deslocar o foco de aspectos meramente econômico para contemplar parâmetros que pudessem aferir o bem-estar da população – nasciam os “indicadores sociais”.

Nesse contexto, surge na década de 1970 um novo indicador sistêmico, desenvolvido no reino Butão – um pequeno país localizado na Ásia – com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD): o índice de Felicidade Interna Bruta (FIB). O FIB procura medir o progresso da sociedade a partir dos seguintes domínios: padrão de vida, educação, saúde, governança, cultura, vitalidade comunitária, resiliência ecológica, uso equilibrado do tempo e bem-estar psicológico. Destarte, esse apontador vem se desenvolvendo, e sua aplicação tomando proporções mundiais.

No Brasil, já se pode observar as primeiras iniciativas para implantação deste medidor de desenvolvimento por parte da equipe Instituto Visão Futuro, liderada pela monja hinduísta Susan Andrews. Susan já desenvolveu uma versão brasileira do questionário, mas este ainda é aplicado em projetos-piloto no Estado de São Paulo (cidades de Angatuba e Itapetininga). Susan Andrews afirma, em uma entrevista à *Folha UOL* (2010), que o FIB não é meramente um indicador: é também um catalisador de mudança, um processo de mobilização social em prol do bem-estar coletivo e do desenvolvimento sustentável [...] visado o bem-estar de todos”.

Dessa forma, dada a limitação de medir o progresso de uma nação por meio de indicadores estritamente econômicos, como o PIB, e as contribuições que esse novo indicador pode proporcionar às nações ao focar o indivíduo em sua análise, têm-se

como objetivo deste estudo aplicar uma adaptação do questionário FIB na cidade de Lavras (MG) e avaliar se aspectos como sexo, idade, escolaridade e localização geográfica podem implicar diferenças nos níveis de felicidade dos indivíduos. Espera-se, assim, proporcionar uma discussão sobre o uso desse indicador no contexto de cidades de porte médio, além de contribuir para a disseminação dessa temática e auxiliar na construção de modelos efetivos de medição, adaptados à realidade brasileira.

Na próxima sessão será apresentada uma contextualização dos principais índices de desenvolvimento econômico e social utilizados pelos países. Em seguida, é feita uma revisão sobre o indicador FIB. Na sessão subsequente, é feita uma descrição dos procedimentos metodológicos realizados neste estudo, sendo, em seguida, discutidos os resultados empíricos encontrados. Na última sessão, são feitas considerações finais acerca do trabalho.

ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

A determinação do nível de desenvolvimento de uma região pode ser feita por meio da avaliação de um conjunto de características quantitativas e qualitativas, denominadas indicadores. Segundo Herculano (2000), o uso de indicadores auxilia nas comparações entre dois ou mais objetos de estudo, em virtude das informações condensadas, simplificadas e quantificadas que fazem parte de sua composição. Essas informações, por sua vez, podem ser de natureza econômica (quantitativa) ou social (qualitativa).

Os indicadores econômicos são constituídos de dados estatísticos capazes de oferecer uma ideia sobre o estado de uma determinada economia em um certo período ou data, sendo passíveis de mudanças e oscilações (SANDRONI, 2001). Já os indicadores sociais são dados construídos com base em observações, referentes a aspectos da vida social ou a mudanças nela ocorridas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1975).

Como indicadores de natureza econômica, têm-se o Produto Interno Bruto (PIB), o Produto Nacional Bruto (PNB) e o Produto Nacional Líquido (PNL). Já como indicadores sociais têm-se o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Índice de Liberdade Humana (ILH), o Índice de Liberdade Política (ILP) e o Índice de Pobreza Humana (IPH), dentre outros.

A descrença no fato de que o crescimento econômico levaria ao bem-estar de toda população começou a emergir a partir da década de 1960, fazendo com que diversas organizações mundiais e regionais – como a Organização das Nações Unidas (ONU) e seus organismos especializados, o Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon), a Comunidade Econômica Europeia (CEE), a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Instituto Interamericano de Estatística (ISI) – começassem a criar novos mecanismos de medição, os chamados indicadores sociais (SANTAGADA, 2007; HIRATA, 2004).

No Brasil, apenas a partir de 1964 é que começou a se pensar um pouco mais no aspecto social em âmbito governamental. Porém, os resultados não foram tão efetivos por falta de sustentação política (uma vez que, na época, havia uma identificação do controle social por meio do planejamento social). Dessa forma, o uso de indicadores sociais como instrumento de planejamento no país, só recebeu atenção a partir de 1975, quando o termo “indicadores sociais” aparece oficialmente pela primeira vez (SANTAGADA, 2007).

Produto Interno Bruto e outros indicadores econômicos

Segundo Mankiw (1999, p. 484) o PIB “é o valor de mercado de todos os bens e serviços finais produzidos em um país em dado período de tempo”. Como índice de riqueza, mede tanto a renda total da economia quanto a despesa total com bens e serviços, contudo sua validade como indicador de bem-estar é intensamente contestada. Nesse sentido, o PIB não se caracteriza como um indicador perfeito de bem-estar, pois não contempla alguns fatores que contribuem para uma vida satisfatória, como o lazer. Conforme acrescenta Leamer (2009), o PIB não é felicidade, mas, mesmo limitado a seu domínio material, exclui-se muita coisa que é valiosa e coloca muito do que realmente é indesejado.

Imagine, por exemplo, que o governo eliminasse toda a regulamentação ambiental; dessa forma, as empresas poderiam produzir mais bens e serviços sem levar em consideração a poluição que criariam, logo, o PIB cresceria. Entretanto, a deterioração na qualidade do ar e da água e a grande produção de resíduos mais do que compensaria negativamente o suposto ganho de bem-estar, em virtude da maior produção.

Por nos concentrarmos nas meras estatísticas do PIB e de outros indicadores monetários convencionais, nós falhamos na distinção entre os aspectos qualitativos do crescimento; crescimento saudável e não saudável, crescimento temporário ou sustentável. Nós não questionamos qual crescimento é realmente necessário, o que realmente é necessário para melhorar a nossa qualidade de vida (TIDEMAN, 2004, p. 228).

Somam-se a isso as limitações relacionadas a outros aspectos não inclusos no indicador, como capital intangível (inclusive o capital humano), lazer, distribuição de renda, custos do desemprego, economia informal, voluntariado, segurança nacional, liberdade e democracia, qualidade dos serviços públicos (como educação e saúde), dentre outros (BATES, 2009).

Ainda assim, como afirma Leamer (2009), certo ou errado, isso se tornou o padrão pelo qual se mede o tamanho e a saúde de um país, sendo que o crescimento negativo do PIB deve ser observado atentamente, pois significa um sintoma importante de

doença econômica. Corroborando, Bates (2009) advoga que, embora limitados, os resultados do PIB não são tão enganosos a ponto de precisarem ser abolidos, mas que, pelo contrário, oferecem informações importantes sobre as nações.

Além do PIB, outros indicadores econômicos são comumente utilizados pelas nações como, por exemplo, o PNB – que representa a soma de todos os bens e serviços produzidos pelos residentes fixos de uma nação, normalmente em um ano. A partir do cálculo desse indicador, torna-se possível obter o PNL, que corresponde à renda total dos residentes de uma nação, descontando-se as perdas com depreciação, ou seja, o PNL corresponde ao PNB descontado da depreciação do capital (MANKIW, 1999).

Conforme supramencionado, o uso exclusivo desses índices, puramente quantitativos, como referência para a avaliação do desempenho de determinada região, levou a um descontentamento generalizado, haja vista a omissão de dimensões qualitativas, como o bem-estar. Este movimento implicou na ascensão de novos olhares e reflexões sobre o assunto, dos quais emanaram tentativas de aperfeiçoamento e aproximação com a realidade. Nesse contexto, emergem os indicadores sociais, que visam à superação das limitações intrínsecas aos indicadores econômicos.

Índice de Desenvolvimento Humano e outros indicadores sociais

O IDH foi criado em 1990, pela ONU, e preparado pelo PNUD para ser publicado anualmente no RDH. Nele, foram abarcadas as dimensões longevidade, educação e renda (SANTAGADA, 2007). “Tratava-se de se ater a aspectos de fácil mensuração e que refletiriam a efetiva boa consequência do desenvolvimento na vida das pessoas” (HERCULANO, 2000, p. 15).

Desde então, o IDH vem sendo amplamente utilizado, ainda que de forma crítica, por diferentes países, sendo sua conceituação de desenvolvimento humano constantemente reformulada e ampliada pelo PNUD/ONU. Por meio do IDH é possível comparar estágios de bem-estar e, desse modo, propor melhorias, garantindo os direitos de cidadania, de forma ampla e universal (SANTAGADA, 2007).

Entretanto, ainda que o IDH represente um instrumento que veio para extrapolar as análises economicistas baseadas somente no desempenho econômico (SANTAGADA, 2007), deve-se ter cautela ao analisar esse indicador de forma desconexa com a realidade local, uma vez que as limitações inerentes ao instrumento podem mascarar o que, de fato, acontece. Assim, apesar de muito utilizado, esse indicador possui certa limitação para medir, de forma efetiva, a qualidade de vida, pois, além de não tratar da dimensão ambiental em seu cálculo, ele não mensura outros aspectos que influenciam diretamente na qualidade de vida de uma população, tais como saúde mental, integração social e cultura (HERCULANO, 2000). Para Hirata (2004) as limitações

persistem porque os indicadores permanecem com uma visão unidimensional (utilitária) de bom desenvolvimento.

Outros indicadores, além do IDH, também se destinam a medir o nível de desenvolvimento social de determinada região. O Índice de Liberdade Humana (ILH), por exemplo, foi criado em 1991 pelo PNUD/ONU para que, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e outras convenções internacionais, classificasse os países em relação ao nível de liberdade de sua população. Em 1992, foi criado pelo mesmo programa o Índice de Liberdade Política (ILP), com o intuito de medir os direitos políticos e as liberdades civis por meio do agrupamento das categorias segurança, império das leis, liberdade de expressão, participação política e igualdade de oportunidades. Logo após, em 1995, o PNUD lançou o Índice de Desenvolvimento Ajustado ao Sexo (IDS) e a Medida da Participação Ajustada ao Sexo (MPS), ambos com vistas a medir, por meio de indicadores, as diferenças existentes entre homens e mulheres, servindo como suporte para políticas públicas futuras. Já em 2007, é lançado pelo PNUD o Índice de Pobreza Humana, que tem como foco as condições de pobreza e o desenvolvimento dos indivíduos mais pobres da sociedade (SANTAGADA, 2007).

Percebe-se que a grande variedade de indicadores, sejam eles de natureza econômica ou social, se justifica pela complexidade de se determinar o desempenho de uma região bem como a qualidade de vida de seus residentes, visto a ampla gama de fatores envolvidos. Encontrar uma forma de reunir, senão todos, o maior número possível desses fatores em um único indicador, representa um grande desafio para pesquisadores e estudiosos do assunto. Nesse cenário, emerge a ideia de Felicidade Interna Bruta, um índice inovador que vem ganhando destaque na literatura econômica como uma nova maneira de se aferir o bem-estar de uma população a partir de sua felicidade.

O INDICADOR FIB

O FIB caracteriza-se como um indicador sistêmico, que foi idealizado e desenvolvido no Butão, pequeno reino localizado na Ásia. A ideia começou a ser articulada na década de 1970, quando o quarto rei Jigme Singye Wangchuc, com o apoio do PNUD, passou a orientar sua política nacional e seus planos de desenvolvimento para esse conceito. Desde então, o país atraiu a atenção de todo o mundo por essa nova maneira de medir o progresso das nações, e Jigme Singye Wangchuc se destacou pela declaração de que a “Felicidade Interna Bruta é mais importante do que Produto Interno Bruto” (URA et al., 2012; VEENHOVEN, 2004).

De acordo com as concepções do novo indicador, o desenvolvimento de uma nação deve estar congruente com o bem-estar dos indivíduos, sendo o governo, portanto,

responsável pela criação de um ambiente que proporcione felicidade ao seu povo (TOBGAG et al., 2011). Esse ideal encontra-se claramente descrito no artigo 9 da Constituição butanesa de 2008, que afirma: “O Estado deve esforçar-se para promover as condições que permitam a busca da Felicidade Nacional Bruta” (URA et al., 2012, p. 6).

Ura et al. (2012) faz uma importante ressalva em relação ao conceito de felicidade para os orientais, que se distingue do conceito de felicidade dos ocidentais. Segundo os autores, a primeira diferença estaria relacionada ao caráter multidimensional do conceito para os orientais que, ao contrário dos ocidentais, não focariam apenas no bem-estar subjetivo do indivíduo. Além disso, o conceito oriental abarcaria, explicitamente, a responsabilidade e o respeito ao outro como motivadores de felicidade. Conforme declarado pelo primeiro ministro do Butão, a felicidade para os orientais: “não pode existir enquanto outros sofrem, e só vem de servir os outros, vivendo em harmonia com a natureza, e percebendo a nossa sabedoria inata e da verdadeira natureza e brilhante de nossas próprias mentes” (THINLEY, 2009, p. 6).

Esse tipo de discrepância pode ser atribuído à influência do budismo sobre a cultura, os valores e, até mesmo, sobre a política butanesa. A esse respeito, Tideman (2004), Priesner (1999) e Mancall (2004) fazem uma interessante reflexão, afirmando ter partido do budismo o valor mais importante para a construção do conceito central do indicador FIB: o foco no bem-estar humano. Enquanto economistas ocidentais se preocupam com a eficiência econômica (aumento do consumo e aceleração do crescimento), os butaneses, baseados em valores budistas (como a harmonia entre aspectos materiais e espirituais), se voltam para a maximização da felicidade do povo.

Com vistas ao alcance desse objetivo, foram definidas quatro áreas estratégicas, também denominadas pilares do FIB, a saber: 1. desenvolvimento socioeconômico sustentável e equitativo; 2. conservação ambiental; 3. preservação e promoção da cultura; e 4. boa governança. Os quatro pilares são ainda articulados por nove domínios, todos com mesmo peso, formando a base do conceito FIB (URA et al., 2012).

1. Bem-estar psicológico: busca compreender como as pessoas percebem e avaliam suas vidas, tanto em relação a estados de bem-estar mental de longo prazo quanto em situações de humor momentâneas. No entendimento butanês, em uma sociedade em que o bem-estar é regularmente avaliado, as pessoas tendem a prestar mais atenção ao seu bem-estar e entender melhor as suas causas, fazendo com que a avaliação não seja positiva apenas *per se*, mas também pelas consequências benéficas que ela traz (ZANGMO, 2009).
2. Saúde: para a Organização Mundial de Saúde (1946) consiste em “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de doenças

ou enfermidades”. Para o índice FIB, no entanto, o conceito se limita à saúde física. Isso porque as dimensões de saúde mental e social serão abarcadas em outros domínios, como o bem-estar psicológico, a vitalidade comunitária e o padrão de vida. O FIB considera que a felicidade é consequência de uma boa saúde. Apesar de serem coisas diferentes, a linha que os separa é bastante tênue, apresentando grande parte dos seus determinantes em comum. Por exemplo, assim como a renda, o nível educacional e a prática de atividades físicas podem contribuir para uma boa saúde, da mesma forma, podem contribuir para a felicidade do indivíduo. Não se sabe se uma boa saúde implica maior felicidade ou vice-versa, mas sabe-se que ambos são fatores intensamente associados (WANGDI, 2009a). A proposta da FIB busca proporcionar aos indivíduos acesso à saúde de qualidade, ao mesmo tempo em que se preocupa com a medicina preventiva e com as atividades produtivas de saúde. Na prática, isso significa oferecer informações sobre como gerir e preservar a própria saúde, prevenindo doenças e mantendo o corpo em equilíbrio (ARRUDA, 2009).

3. Uso do tempo: o tempo pode ser considerado atualmente um recurso importante e escasso. Por isso, a forma como ele é utilizado e a maneira como é distribuído representa um fator de grande importância sobre a felicidade dos indivíduos. Assim, para o FIB, esse tipo de investigação viabiliza a obtenção de informações sobre o que as pessoas realmente fazem em suas vidas e a forma com que dividem o seu tempo entre o trabalho e a vida pessoal. Entende-se que, geralmente, os indivíduos que têm a carga horária de trabalho aumentada tendem a desequilibrar essa divisão do tempo. Tal fato, por sua vez, costuma ser motivado pelo desejo de ganhar mais dinheiro. Assim, essas pessoas acabam não tendo tempo para fazer as coisas que gostam, ficando menos felizes e mais estressadas (GALAY, 2009a).
4. Educação: de forma distinta dos indicadores educacionais convencionais, o índice FIB “tenta avaliar os diferentes tipos de conhecimentos e habilidades que as pessoas adquiriram ao longo da vida, tais como história, cultura, cidadania, ecologia, conhecimento indígena, e as competências que são, na maioria das vezes, adquiridas informalmente” (WANGDI, 2009b, p. 170). O FIB entende que a educação é um atributo importante para o desenvolvimento de novos conhecimentos, para o aprendizado de valores e habilidades, além de despertar a criatividade, a sensibilidade cívica e melhorar o capital humano. O rei Jigme procurou dar ênfase a esse domínio por acreditar que um país onde a educação não fosse equitativa sempre seria um país desigual. Para ele, a ignorância faz surgir dominadores e dominados. Tideman (2004) acrescenta que a educação é

essencial para os seres humanos atingirem seu pleno potencial, tanto individual como coletivo. Também é preponderante na preservação do meio ambiente, da saúde, do desenvolvimento social, da participação do povo na economia nacional e ainda contribui para a redução significativa de conflitos, já que, a partir do momento em que as pessoas têm capacidade de argumentação e condições de reivindicar seus direitos de maneira civilizada, a guerra se faz desnecessária. Uma educação abrangente, de qualidade e de longo alcance se mostra, portanto, de fundamental importância para a viabilização dos outros domínios do indicador FIB (ARRUDA, 2009; TIDEMAN, 2004; WANGDI, 2009b).

5. Diversidade cultural e resiliência: sob o ponto de vista da ideologia FIB, a diversidade cultural representa o respeito de cada indivíduo às diferentes culturas (co)existentes. Nesse sentido, a homogeneização e a incessante competição, típicas no capitalismo ocidental, são substituídas pelo princípio da “complementaridade do diverso” (ARRUDA, 2009, p. 6). Considerando que o ser humano precisa conviver em sociedade, a equidade diante das diversidades se faz necessária para que haja harmonia. Além disso, busca-se o que é chamado por Chophel (2009a, p. 148) de “resiliência cultural”, que representa a capacidade de as sociedades superarem desafios provenientes de outras normas e ideias em prol da preservação de sua identidade cultural. Segundo o autor, essa capacidade se faz positiva por proteger e fortalecer a soberania e a segurança do país, além de abrandar os impactos negativos da globalização.
6. Boa governança: ainda que não exista uma definição única para o termo, pode-se dizer que, para a FIB, a boa governança é a “sábia gestão do poder econômico e político de modo a garantir que a sociedade crie e preserve as condições materiais, sociais, culturais e ecológicas de viver em harmonia, alegria, paz e felicidade” (ARRUDA, 2009, p. 2). Em termos gerais, a boa governança implica participação popular, Estado de direito, transparência, prestação de contas, prestação de serviços efetiva e equidade. Sendo assim, de acordo com os preceitos do FIB, a base do plano de ações elaborado por um governo deve obedecer às necessidades diretas de seu povo, que, por sua vez, tem o dever de fazer valer seus direitos, participando ativamente da vida política do seu país. Isso porque se torna muito difícil conseguir progressos governamentais significativos quando não se pode confiar nos chefes de Estado ou mesmo quando os cidadãos se fazem omissos diante das dificuldades cotidianas. Deve-se ressaltar ainda que a boa governança particularmente permeia todos os outros domínios, fazendo com que o seus efeitos sobre a sociedade ocorram a partir do esforço cumulativo dos demais (RAPTEN, 2009; PARKER, 2008).

7. Vitalidade comunitária: busca “examinar as interações e relações dentro e, até certo ponto, através das comunidades” (CHOPHEL, 2009b, p. 112). Entende-se que, enquanto seres sociais, os seres humanos precisam se relacionar e interagir com outros para serem felizes e até mesmo para sobreviver. A comunicação e a cooperação entre os sujeitos, por sua vez, seriam instrumentos para vitalizar as comunidades, e valores como cooperação, altruísmo recíproco, solidariedade consciente e amor, deveriam permear famílias e comunidades equilibradas e felizes. Por outro lado, a falta de laços sociais e afetivos pode levar à perda do valor da vida e o respeito a ela. Conforme destaca Arruda (2009, p. 6), “a violência é uma expressão eloquente da carência de vitalidade comunitária, e do carinho, afeto e amor sem os quais o ser humano se desfigura, adocece, morre... ou passa a matar”.
8. Resiliência ecológica: uma vez que indicadores econômicos, como o PIB, se restringem à medição das riquezas de um país, sem se importar com a origem daquela opulência, o FIB vem trazer a ideia de sustentabilidade e cuidado com a natureza, ao considerar, em sua medição, a qualidade da água, do ar, das florestas e do planeta como um todo. Nesse sentido, questões sobre consciência e atitude ambiental, adentram os aspectos abordados pelo indicador, que entende que “o que fazemos contra a natureza fazemos contra nós mesmos” (ARRUDA, 2009, p. 5). Assim, o conceito de resiliência ecológica, que é, segundo Gunderson (2000), a forma como um sistema se recupera após um distúrbio, assume uma importância apreciável para o debate sobre felicidade, pois, ao recuperar e preservar a fonte de sustento de toda humanidade, garantir-se-á, por conseguinte, o futuro das próximas gerações, logo, a possibilidade da felicidade prolongada. Pode-se dizer que o objetivo a ser atingido é o equilíbrio entre meio ambiente e padrão de vida, em especial no que tange a soberania e a segurança alimentar (ARRUDA, 2009).
9. Padrão de vida: “refere-se à base material do bem-estar, que se reflete no nível de consumo do indivíduo” (GALAY, 2009b, p. 31). O padrão de vida de um indivíduo representa um fator importante na determinação do seu bem-estar ou felicidade e, por essa razão, recebe muita atenção de estudiosos e de governantes. O FIB procura identificar o número de pessoas com padrão de vida digno (cujas necessidades básicas são satisfeitas) e quais são as deficiências que ainda precisam ser atendidas por meio de políticas públicas e de atividades produtivas e distributivas. Faz-se importante ressaltar que, diferentemente de abordagens economicistas que utilizam a renda real como referência para medição do padrão de vida, a ideologia FIB abarca tanto a renda monetária quanto a não monetária (ARRUDA, 2009; GALAY, 2009b).

Percebe-se, dessa forma, como o índice FIB se difere dos demais indicadores e, ao mesmo tempo, o quão inovador ele é. Ele representa uma forma alternativa para avaliação do desenvolvimento de uma nação, que rompe com a visão unidimensional dos indicadores anteriores, ao propor um equilíbrio entre aspectos econômicos, ambientais, sociais e humanos para efetivação de um bom desenvolvimento (DURÃO, 2012).

Bakshi (2004) chega a dizer que o FIB representa um avanço significativo na teoria econômica tradicional e, de fato, não se pode negar que, até então, o termo desenvolvimento nunca foi tratado de maneira tão sistêmica. Além disso, conforme acrescenta Mancall (2004), foi a primeira vez em que se falou em maximização da felicidade, não em termos individuais ou imediatistas, mas sim aquela que emana da remoção das dificuldades e das condições de negatividade.

Felicidade Nacional Bruta é ao mesmo tempo a reflexão sobre as teorias de desenvolvimento, as políticas de desenvolvimento, e sobre os valores que deveriam orientar essas políticas. É autoanálise e pensamento crítico na definição do futuro da nação, em vez da simples aceitação de orientações estrangeiras. É por isso que o FIB é tão significativo (MANCALL, 2004, p. 11).

Certamente, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas, e os esforços iniciais não podem ser considerados uma solução final para todos os problemas. É por essa razão que muito tem se discutido sobre o FIB e inúmeras tentativas têm sido feitas com vistas ao aprimoramento, à adaptação e à aplicação desse indicador. Além disso, a formulação de políticas concretas para alcance dos objetivos ainda representa um desafio (MANCALL, 2004). Este estudo representa um movimento inicial para disseminar a temática e contribuir com os estudos na área.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de identificar o nível de Felicidade Interna Bruta da população de Lavras, este estudo caracterizou-se como quantitativo descritivo. Segundo Malhotra (2001, p. 155) “a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplicar alguma forma de análise estatística”.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, a fim de estabelecer uniformidade e comparação entre respostas. Em virtude de sua aplicabilidade simples, o questionário é capaz de contemplar um grande número de respondentes, limitando possibilidades de interpretação e erro por parte do entrevistado.

A elaboração do instrumento para coleta de dados desta pesquisa foi fundamentada no questionário elaborado pelo Centro de Estudos do Butão (2010), sendo este traduzido e adaptado. O questionário foi composto por 52 questões, sendo três delas referentes aos

dados sócio-demográficos dos entrevistados e as outras 49 referentes aos nove domínios que compõem o indicador FIB. Nas questões relacionadas a esses domínios utilizou-se de uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos e balanceada, sendo utilizados em seus extremos expressões de significados opostos, no caso, “sempre” e “nunca”.

O universo de estudo desta pesquisa abrange toda população de Lavras, cidade pertencente à mesorregião do Campo das Vertentes, no Estado de Minas Gerais. A cidade, além de possuir um elevado índice de qualidade de vida, é reconhecida nacional e internacionalmente por seus centros de excelência universitária, abrigando uma das melhores universidades e centro universitário do país. Sua população urbana foi estimada pelo Censo de 2010 em 92.171 habitantes.

A definição da amostra foi aferida para um nível de significância de 95%. É importante ressaltar que essa amostra foi estratificada de acordo com o número de moradores em cada região da cidade (centro, norte, sul, leste e oeste), de forma a abarcar residentes de todas as regiões lavrenses. Também foi delimitado que deveriam ser entrevistadas, de forma proporcional, pessoas de todas as classes sociais, dos gêneros masculino e feminino, com idade entre 16 e 65 anos, e que possuíssem do mais baixo ao mais alto nível de escolaridade.

Além disso, estabeleceu-se que a abordagem dos entrevistados para coleta dos dados se daria na residência destes, sendo utilizado o critério de que todas as ruas daquele bairro deveriam ter algum morador entrevistado e que, após a realização da entrevista em uma residência, dever-se-ia pular, pelo menos, quatro casas.

Foram aplicados no primeiro quadrimestre de 2011 um total de 403 questionários. Os dados obtidos foram tabulados e analisados com o auxílio do software aplicativo *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17.0. O método de análise utilizado foi a análise de variância (Anova) de acordo com as médias das respostas, ambas pertencentes à estatística descritiva. O perfil dos entrevistados, assim como os resultados obtidos por meio da análise dos dados, encontram-se descritos na próxima sessão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Serão apresentados nesta parte os principais resultados obtidos neste estudo. As análises estão divididas em três blocos, que compreendem a análise exploratória, a análise de variância por região lavrense e a análise de variância por sexo, idade e escolaridade.

Análise exploratória

Analisando os resultados referentes ao perfil sócio-demográfico percebeu-se que, dos 403 entrevistados, a maioria pertence ao sexo feminino (52,6%), tem entre 21 a 30 anos de idade (23,6%) e possui ensino médio completo (31,8%). A Tabela 1 mostra a distribuição sócio-demográfica dos entrevistados.

Tabela 1 DISTRIBUIÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA DOS ENTREVISTADOS

Sexo	52,6% sexo feminino 47,4% sexo masculino
Faixa Etária	13,6% até 20 anos 23,6% entre 21 e 30 anos 21,3% entre 31 e 40 anos 20,6% entre 41 e 50 anos 20,8% maior que 50 anos.
Escolaridade	2,2% nenhum nível de escolaridade 26,6% ensino fundamental incompleto 12,2% ensino fundamental completo 9,7% ensino médio incompleto 31,8% ensino médio completo 6,7% ensino superior incompleto 7,4% ensino superior completo 3,7% pós-graduação
Região Domiciliar	23,82% região norte 20,35% região sul 16,87% região leste 17,87% região oeste 21,09% central

Fonte: Elaborada pelos autores.

Análise de variância: A Felicidade Interna Bruta de Lavras por região

Antes de dar início às discussões relativas a cada uma das regiões da cidade de Lavras, é importante ressaltar as características sócio-demográficas de cada uma delas, haja vista as implicações dessas características sobre os resultados analisados. Para tanto, recorreu-se a informações divulgadas no site da prefeitura de Lavras, em sites sobre a cidade, em reportagens jornalísticas, assim como em dados de órgãos públicos.

A área central de Lavras é um local cujas características sociais dos moradores são, de maneira geral, homogêneas. É um local habitado por pessoas de classe média à classe alta, que podem pagar os altos preços dos imóveis ali situados. As entrevistas dessa região foram feitas nos bairros Centro, Ipês, Inácio Valentini, Nilton Teixeira, Jardim Fabiana, Retiro, Jardim São Paulo, São Sebastião e Centenário.

Na região leste da cidade de Lavras, os bairros Nova Lavras, Belo Horizonte, Bandeirantes, Pitangui, Alterosa, Jardim América, Monte Líbano, Eldorado, Cascalho, Vila Alzira, Bela Vista, Vila Rica, Vale do Sol e Vista Alegre foram alvos desta pesquisa. É uma região com características bastante discrepantes entre seus moradores, abarcando desde indivíduos da classe E até indivíduos da classe A.

Já na região oeste, as entrevistas foram realizadas nos bairros Vila Murad, Serra Azul, Novo Horizonte, Água Limpa, Belizandra, Dona Flor, Joaquim Sales e São Vicente.

É uma das regiões mais carentes de Lavras, com raras exceções de classe média. É também uma das regiões com maior índice de violência e criminalidade da cidade.

Na região norte da cidade foram realizadas entrevistas nos bairros Fabril, Ferroviária, Cohab, Cidade Nova, Lavrinhas, Nossa Senhora de Lourdes, Aqueanta Sol, Jardim Glória, Vila São Francisco, Jardim Campestre e Vila Mariana. É um setor que também apresenta caracterização social bastante heterogênea, com moradores pertencentes às diferentes classes sociais.

Por fim, a região sul da cidade de Lavras, que se caracteriza essencialmente como uma região de poder aquisitivo médio a alto, com raras exceções. Nessa área, foram realizadas entrevistas nos bairros Cruzeiro do Sul, Ouro Preto, Jardim Floresta, Artur Bernardes, Santa Efigênia, Serra Verde, e no condomínio residencial Jardim das Palmeiras.

A fim de distinguir os domínios do FIB que apresentaram diferenças significativas entre as regiões lavrenses, foi realizada a análise de variância (Anova). Considerando os dados apresentados na Tabela 2, torna-se possível afirmar que as regiões norte, sul, leste, oeste e centro apresentam níveis de felicidades distintos, exceto no que diz respeito aos domínios “diversidade cultural e resiliência” e “resiliência ecológica”, que não apresentaram diferenças significativas. Todos os demais domínios mostraram-se diferentes entre os grupos, sendo importante ressaltar que o quesito “uso equilibrado do tempo” foi significativo a 3,4%.

Tabela 2 ANOVA

Domínios	Mean Square	F	Sig.
1. Bem-estar psicológico	1,936	11,118	0,000
2. Saúde	0,940	3,675	0,006
3. Uso equilibrado do tempo	0,635	2,638	0,034
4. Boa governança	1,698	9,031	0,000
5. Vitalidade comunitária	0,787	3,635	0,006
6. Educação	1,625	6,361	0,000
7. Diversidade cultura e resiliência ¹	0,411	2,064	0,085
8. Resiliência ecológica ¹	0,358	1,453	0,216
9. Padrão de vida	2,901	11,408	0,000
10. FIB	0,790	12,610	0,000

¹Variável excluída pela análise.

Fonte: Elaborada pelos autores.

No que tange o primeiro pilar avaliado, descobriu-se que na região norte se encontram os indivíduos com maior nível de bem-estar psicológico. Dessa forma, esses indivíduos tendem a ter maior sentimento de otimismo e maior satisfação com a aparência, sentem-se reconhecidos pelas outras pessoas e importante para elas, são orgulhosos do caminho traçado até o momento e costumam participar com frequência de atividades religiosas. Com uma média bastante inferior à das outras regiões, na área oeste de Lavras foram encontrados os indivíduos com o menor nível de bem-estar da cidade.

Na zona leste lavrense encontram-se os indivíduos com a maior média relacionada ao aspecto saúde. Pode-se dizer que esses indivíduos fazem mais atividades físicas, têm uma alimentação mais saudável, dormem melhor e, conseqüentemente, queixam-se menos do peso e da forma atual do próprio corpo. Mais uma vez, a região oeste aparece com a menor média entre as regiões nesse quesito.

Também na região leste foram encontrados os indivíduos mais felizes com o aspecto uso equilibrado do tempo, ao passo que as pessoas residentes na área oeste são as que se sentem menos felizes. Isso significa que, de forma geral, os moradores da área oeste são os que mais consideram o tempo apertado para a realização de todas as atividades diárias e, por isso, encontram mais dificuldade para serem pontuais, alcançar metas estipuladas e para reservar um tempo para si.

Com relação à dimensão boa governança, a região norte da cidade mais uma vez se destacou perante as demais. Assim, os moradores dessa região foram os que apresentaram maior julgamento quanto à sua participação na vida política local e os que mais acreditam que seus direitos e deveres são respeitados; além disso, são os residentes que mais se sentem seguros em Lavras, os que mais procuram se informar sobre acontecimentos nacionais e internacionais e os que mais afirmam exercer comportamentos pró-ambientais. A zona oeste, mais uma vez, foi a que obteve menor média neste aspecto.

As pessoas com maior vitalidade comunitária (aquelas que mais se encontram com amigos e familiares, fazem mais doações, participam mais de órgãos ou programas voluntários e as que mais buscam a cooperação no trabalho) encontram-se na região norte de Lavras. A menor média encontrada na cidade de Lavras para esse pilar, novamente, foi a da área oeste.

A região central da cidade de Lavras aparece como o local onde os indivíduos obtiverem a maior média no aspecto educação (relacionada à prática de valores éticos e morais, consciência ambiental, dedicação a atividades culturais e menor reincidência de atitudes consideradas erradas), sendo que a menor média, desta vez, foi verificada na região leste.

Por último, no que diz respeito ao tema padrão de vida, a região norte mais uma vez obteve destaque. Nesse local se encontram os indivíduos que mais gostam do trabalho que exercem (e mais se consideram bem remunerados), que mais acreditam possuir uma vida confortável e ter controle sobre o orçamento (pois acreditam que sabem economizar, sem deixar de comprar as coisas que desejam) e também os que mais traçam planos para o futuro. Na região oeste, por sua vez, novamente foram encontradas as menores médias entre as regiões lavrenses.

Fazendo uma análise geral dos resultados, ou seja, do nível de felicidade das regiões lavrenses, a região central foi a que apresentou maior média (2,9925) entre as regiões, levando-nos a inferir que esta seja a região mais feliz da cidade. Por outro lado, a região oeste foi a que apresentou menor média (2,6892), podendo ser considerada a região menos feliz de Lavras.

Essa conclusão mostra-se bastante intrigante se considerarmos que a região central de Lavras se caracteriza como a área mais nobre da cidade, e a região oeste a área mais carente. Tal fato pode ser considerado um indicativo de que a classe social a que pertence um indivíduo pode exercer influência sobre o seu nível de felicidade. Além disso, se consideramos a região oeste como a região com maiores índices de criminalidade e violência local, a segurança passar a ser, também, um fator de impacto sobre a felicidade da população, merecendo, também, receber maior atenção por parte de governantes e da sociedade.

A Tabela 3 apresenta as médias obtidas pelas regiões de Lavras nos sete domínios do FIB consideradas nesta análise. A média geral das regiões, correspondente ao somatório dos sete domínios analisados e o FIB encontrado para cada região, encontram-se ilustrados na Tabela 4.

Tabela 3 MÉDIAS OBTIDAS PELAS REGIÕES EM CADA UM DOS SEIS DOMÍNIOS ANALISADOS

	Bem-estar Psicológico	Saúde	Uso Equilibrado do tempo	Boa Governança	Vitalidade Comunitária	Educação	Padrão de Vida
Região Norte	3,2513	2,7031	2,9688	2,6615	2,9626	2,9514	3,1860
Região Sul	3,1280	2,6677	2,9665	2,5549	2,8805	2,9630	3,0697
Região Leste	3,1930	2,9081	3,0441	2,5809	2,7908	2,8131	3,0130
Região Oeste	2,8507	2,6319	2,7951	2,2963	2,7200	2,8241	2,7062
Região Central	3,2029	2,8118	2,9941	2,6549	2,9365	3,1727	3,1748

Fonte: Elaborada pelos autores.

Tabela 4 MÉDIA FINAL OBTIDA PELAS REGIÕES A PARTIR DO SOMATÓRIO DOS SETE DOMÍNIOS ANALISADOS

	Média Final	FIB
Região Central	2,9925	2,9039
Região Norte	2,9550	2,8181
Região Leste	2,9061	2,8300
Região Sul	2,8900	2,6691
Região Oeste	2,6892	2,9336

Fonte: Elaborada pelos autores.

Após a realização da análise do nível de Felicidade Interna Bruta dos moradores de Lavras de acordo com a região que residem, será realizada na próxima sessão uma análise do nível de felicidade desses indivíduos de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade.

Análise de variância: A Felicidade Interna Bruta de Lavras por sexo, idade e escolaridade

No que tange as diferenças entre os níveis de felicidade de homens e mulheres de Lavras, os resultados da análise de variância mostraram que as diferenças só se fazem significativas em relação aos domínios “uso equilibrado do tempo” ($p = 0,02$) e “padrão de vida” ($p = 0,08$).

Conforme observado, as mulheres são menos felizes do que os homens em relação ao uso que fazem do seu tempo. Isso significa que, de forma geral, as mulheres encontram mais dificuldade para serem pontuais, alcançar metas estipuladas e para reservar um tempo para si, pois consideram o tempo apertado para a realização de todas as atividades diárias. Pode-se depreender deste resultado que, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, seu tempo tornou-se mais escasso e, conseqüentemente, estaria com dificuldades para se dedicar a atividades profissionais e pessoais de forma equilibrada. Os homens, por sua vez, por se dedicarem, em sua maioria, apenas às atividades laborais (não tendo a necessidade de cuidar de afazeres domésticos, por exemplo), conseguem estabelecer uma distribuição mais equitativa do seu tempo.

Em relação às discrepâncias nos níveis de felicidade em relação ao aspecto “padrão de vida”, mais uma vez os homens obtiveram médias superiores as das mulheres. Isso

significa que eles tendem a gostar mais do trabalho que exercem (e a se considerar bem remunerado e com estilo de vida confortável), têm um controle melhor sobre o orçamento (pois acreditam que sabem economizar, sem deixar de comprar as coisas que desejam) e também traçam mais planos para o futuro.

Passando para a análise da felicidade em relação à idade, a Anova mostrou que os domínios “bem-estar psicológico” ($p = 0,04$), “vitalidade comunitária” ($p = 0,01$) e “educação” ($p = 0,02$) são significativamente distintos entre as diferentes faixas etárias.

Descobriu-se que a média dos entrevistados em relação ao quesito bem-estar subia na medida em que a faixa etária também subia. Ou seja, que indivíduos mais velhos tendem a ter maior sentimento de otimismo e maior satisfação com a aparência, sentem-se reconhecidos pelas outras pessoas e importantes para elas, são orgulhosos do caminho traçado até o momento e costumam participar de atividades religiosas com maior frequência. Além disso, são essas pessoas que mais se encontram com amigos e familiares, fazem mais doações, participam mais de órgãos ou programas voluntários e as que mais buscam a cooperação no trabalho, ou seja, têm maior vitalidade comunitária. Em relação à educação (prática de valores éticos e morais, consciência ambiental, dedicação a atividades culturais e menor reincidência de atitudes consideradas erradas) são também os mais velhos que apresentaram médias superiores.

Por fim, a tentativa de identificação de diferenças entre a felicidade dos lavrenses em relação à escolaridade encontrou relevância apenas no quesito “diversidade cultural e resiliência” ($p = 0,08$). Nesse sentido, descobriu-se que as pessoas que fizeram pós-graduação são as que mais frequentam atividades culturais e as que melhor lidam com as diferenças e mais gostam de se relacionar com pessoas de outras culturas, contribuindo para o bom funcionamento do clima nos ambientes em que se encontra inserido (trabalho, família etc.), além de aproveitar melhor as oportunidades que lhes são apresentadas.

A Tabela 5 apresenta as médias obtidas em cada um dos domínios analisados, de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade dos entrevistados.

Na próxima seção, serão apresentadas as considerações finais deste trabalho, sendo realizado um paralelo entre o nível de Felicidade Interna Bruta de Lavras com o encontrado em estudos semelhantes.

Tabela 5 MÉDIAS OBTIDAS DE ACORDO COM O SEXO, A IDADE E A ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

	Bem-estar Psicológico	Uso Equilibrado do Tempo	Vitalidade Comunitária	Educação	Diversidade Cultural e Resiliência	Padrão de Vida
SEXO						
Feminino	-	2,8833	-	-	-	2,9789
Masculino	-	3,0353	-	-	-	3,1203
FAIXA ETÁRIA						
Até 20 anos	3,0273	-	2,7382	2,7152	-	-
De 21 a 30 anos	3,0368	-	2,7915	2,9220	-	-
De 31 a 40 anos	3,1366	-	2,8329	2,9683	-	-
De 41 a 50 anos	3,2154	-	2,9062	3,0407	-	-
Acima de 50 anos	3,2336	-	3,0513	3,0482	-	-
ESCOLARIDADE						
Sem escolaridade	-	-	-	-	2,9000	-
Fundamental incompleto	-	-	-	-	3,2154	-
Fundamental completo	-	-	-	-	3,2449	-
Médio incompleto	-	-	-	-	3,2154	-
Médio completo	-	-	-	-	3,2859	-
Superior incompleto	-	-	-	-	3,4889	-
Superior completo	-	-	-	-	3,3400	-
Pós-graduação	-	-	-	-	3,4933	-

Fonte: Elaborada pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lançamento em 2008 do primeiro estudo quantitativo do Centro de Estudos do Butão, nomeado como Felicidade Interna Bruta, fez emergir um novo indicador para avaliação da situação de determinado país. Muito ainda há de ser feito para que este estudo se adapte às diferentes características entre as nações, mas os estudos avançam

rapidamente. Assim, ainda que não se consiga quantificar a felicidade de determinado local, já é possível descrever se os moradores de uma região são felizes, com base nos nove domínios do FIB.

Os resultados obtidos nesta pesquisa sobre a Felicidade Interna Bruta da população de Lavras revelaram que as pessoas residentes na cidade apresentam níveis distintos de felicidade de acordo com o seu sexo, idade, escolaridade ou região que residem, em sete dos nove indicativos do FIB e no próprio índice FIB (exceto quanto a resiliência ecológica e diversidade cultural e resiliência).

Neste sentido, observou-se que pessoas residentes nas áreas mais nobres da cidade apresentaram níveis de felicidade mais altos, e que os indivíduos residentes em um dos locais mais carentes e com um dos mais altos índices de violência e criminalidade local, apresentaram o nível mais baixo de felicidade de Lavras. Tal fato nos leva a refletir sobre o impacto da classe social a que pertence um indivíduo e da segurança do local que ele habita, sobre seu nível felicidade.

Além disso, ao discutirmos as diferenças nos níveis de felicidade de homens e mulheres, questionamos até que ponto a inserção da mulher no mercado de trabalho interferiu na sua relação com o uso do tempo e promoveu melhorias no seu padrão de vida, e de que forma isso se relaciona a um menor nível de felicidade se comparadas ao sexo masculino. Isso contradiz os resultados obtidos por uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas e divulgada em 2012, na qual percebeu-se que as mulheres eram mais felizes que os homens (sendo tal fato atribuído ao maior nível de educação conquistado pelas mulheres nos últimos anos, que se traduziria em maior renda e, conseqüentemente, em uma vida melhor). Porém, deve-se considerar que a renda salarial das mulheres continua sendo cerca de 30% inferior à dos homens (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012), e que os desdobramentos e rendimentos de sua inserção no mercado podem não ser compensatórios, se analisados sob o ponto de vista da melhoria na sua qualidade de vida. Talvez essa diferença esteja relacionada às diferenças entre pequenas e grandes cidades, fazendo com que as mulheres de cidades menores (como é o caso de Lavras) sofram mais os efeitos das desigualdades de gênero e tenham mais dificuldade nesta conciliação entre trabalho e vida pessoal.

Ademais, no contexto lavrense, pode-se dizer que o bem-estar psicológico, a vitalidade comunitária e a consciência ética, moral, ambiental e cultural, aumentam à medida que o indivíduo envelhece, e que o respeito à diversidade cultural tende a ser maior em indivíduos com nível de instrução elevado.

Se compararmos os resultados obtidos na pesquisa realizada com a população do Butão com os da população de Lavras, notaremos semelhanças, como no nível de felicidade entre os sexos, que no país asiático se mostrou superior nos homens em detrimento das mulheres. Por outro lado, o estudo do FIB no Butão revelou a participação ativa de seus moradores da vida política do país, o que não foi observado na

população lavrense (em que apenas 21,9% dos respondentes afirmaram participar ativamente da vida política local). Outra disparidade entre as duas realidades diz respeito ao quesito desigualdade social, que quase não é percebida entre butaneses, ao passo que, em Lavras, é bastante visível entre as diferentes regiões da cidade. Já no que tange o aspecto educação, os cidadãos de Lavras apresentaram melhores índices, se comparados com o povo asiático (URA, [2009?]).

Por fim, deve-se mencionar que este estudo, enquanto uma verificação da aplicação inicial deste novo indicador, ainda deve ser aprimorado em estudos futuros, inclusive de forma longitudinal para fins de monitoramento de gestões. Ainda assim, a tentativa iniciada na última década com a criação do IDH de se romper com uma visão estritamente econômica de progresso e partir para uma visão mais social, que valorize o bem-estar da população, já representa um grande avanço para nossa sociedade. E esses avanços tendem a continuar com o advento da concepção de Felicidade Interna Bruta, que, futuramente, pode se consolidar como um novo indicador do desenvolvimento dos países.

Apesar de sofrer críticas quando examinado nesta forma de aplicação, foram encontrados resultados distintos entre gênero, região de habitação, idade e escolaridade, o que sugere que o índice ainda carece de mais aplicações e estudos em populações com características regionais diferentes e semelhantes para se verificar a aplicabilidade do índice e sua reprodutibilidade.

Entende-se que repetições longitudinais e representativas para uma mesma população podem munir a administração pública de um importante instrumento de avaliação da qualidade de vida percebida pelos cidadãos em um índice de essência mais qualitativa. Discussões como as iniciadas pela presente pesquisa podem fomentar um campo ainda em aberto que visa viabilizar instrumentos de avaliação da opinião pública pelos governantes, gerando assim discussões teóricas e aplicadas no campo da administração pública.

GROSS NATIONAL HAPPINESS: APPLICATION AND DISCUSSION IN THE CONTEXT OF BRAZILIAN MEDIUM SIZED CITIES

ABSTRACT

This study aimed to apply and discuss an adaptation of the questionnaire of Gross National Happiness (GNH), developed by the Centre for Bhutan Studies, in a midsize Brazilian city. The results obtained revealed that people residing in this city have different levels of happiness, according to sex, age, education and region of residence.

KEYWORDS

Gross national happiness; Bhutan; Application; City midsize; Public administration.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, M. As nove dimensões do FIB. *Cooperadamente*, Mogi das Cruzes, abr. 2009. Disponível em: <<http://cooperadamente.blogspot.com.br/2009/04/fib-qualquer-semelhanca-com-prout-e.html>>. Acesso em: 27 abr. 2011.
- BAKSHI, R. Gross national happiness. *Post-autistic Economics Review*, v. 26, n. 2, ago. 2004. Disponível em: <<http://www.paecon.net/PAERReview/issue26/Bakshi26.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- BATES, W. Gross national happiness. *Asian-Pacific Economic Literature*, v. 23, n. 2, p. 1-16, nov. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-8411.2009.01235.x/pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- CENTRO DE ESTUDOS DO BUTÃO. *The second gross national happiness survey questionnaire*. abr. 2010. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/survey-results/index/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- CHOPHEL, S. Cultural diversity and resilience. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão, 2009a. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Cultural-Diversity-and-Resilience.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- CHOPHEL, S. Community vitality. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão, 2009b. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Community-Vitality.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- DURÃO, J. V. Como mensurar progresso levando-se em conta um modelo de desenvolvimento sustentável. *Plurimus Cultura e Desenvolvimento em Revista*, ano 1, n. 2, p. 22-32, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://plurimus.dominiotemporario.com/doc/ComomensurarprogressoJulianaVellosoedII.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2012.
- FOLHA UOL. *FIB no Brasil*, São Paulo, 9 set. 2010. Disponível em: <http://carreiras.folha.blog.uol.com.br/arch2010-09-05_2010-09-11.html>. Acesso em: 25 mar. 2011.
- GALAY, K. Time use and happiness. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão, 2009a. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Time-Use-and-Balance.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- GALAY, K. Standard of living and happiness. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão, 2009b. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Living-Standard.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- GUNDERSON, L. H. Ecological resilience in theory and application. *Annual Review of Ecology and Systematics*, v. 31, p. 425-439, nov. 2000.

- HERCULANO, S. C. Qualidade de vida e seus indicadores. In: HERCULANO, S.; PORTO, M. F. de S.; FREITAS, C. M. de. (Orgs.). *Qualidade de vida e riscos ambientais*. Niterói: EdUFF, 2000.
- HIRATA, J. Putting gross national happiness in the service of good development. *Journal of Bhutan Studies*, 2004. Disponível em: <http://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/jbs/pdf/JBS_09_04.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PNAD 2011: crescimento da renda foi maior nas classes de rendimento mais baixas*. set. 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1>. Acesso em: 24 set. 2012.
- LEAMER, E. *Macroeconomic patterns and stories: a guide for MBAs*. Nova York: Springer Publications, 2009.
- MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MANCALL, M. Gross national happiness and development: an essay. In: URA, K.; GALAY, K. (Ed.). *Gross national happiness and development*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2004. Disponível em: <<http://www.bhutanstudies.org.bt/pubFiles/Gnh%26dev-1.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- MANKIW, N. *Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia*. Tradução Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Hacia un sistema de estadísticas sociales y demográficas*. Nova York: ONU, 1975.
- PARKER, E. Lessons in gross national happiness. *The wall street journal*, 21 nov. 2008. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB122722856525546347.html>>. Acesso em: 11 jan. 2012.
- PRIESNER, S. Gross national happiness – Bhutan’s vision of development and its challenges. In: KINGA, S. et al. (Eds.). *The gross national happiness: a set of discussion papers*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 1999. Disponível em: <http://www.bhutan2008.bt/ndlb/typescripts/10/GNH_Ch3_Priesner.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2011.
- RAPTEN, P. Good governance and gross national happiness. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão, 2009. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Good-Governance1.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- SANDRONI, P. *Novíssimo dicionário de economia*. 7. ed. São Paulo: Best Seller, 2001.
- SANTAGADA, S. Indicadores sociais: uma primeira abordagem social e histórica. *Pensamento Plural*, n. 1, p. 113-142, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/01/06.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2012.
- THINLEY, L. J. Y. Educating for gross national happiness. Opening address on educating for happiness. 2009. Disponível em: <<http://gnhcentre.completemind.com/downloads/Opening%20Address%20-%20Educating%20for%20GNH.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.
- TIDEMAN, S. G. Gross national happiness: towards a new paradigm in economics. In: URA, K.; GALAY, K. (Eds.). *Gross national happiness and development*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2004. Disponível em: <<http://www.bhutanstudies.org.bt/pubFiles/Gnh&dev-10.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

TOBGAY, T.; DOPHU, U.; TORRES, C. E.; NA-BANGCHANG, K. Health and gross national happiness: review of current status in Bhutan. *Journal of Multidisciplinary Healthcare*, n. 4, p. 293-298, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.dovepress.com/health-and-gross-national-happiness-review-of-current-status-in-bhutan-peer-reviewed-article-JMDH>>. Acesso em: 03 set. 2012.

URA, D. K. *Gross national happiness as a larger context for healing and global change*. The Centre for Bhutan Studies, [2009?]. Disponível em: <<http://www.oecd.org/site/progresskorea/44120751.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

URA, K.; ALKIRE, S.; ZANGMO, T.; WANGDI, K. et al. *An extensive analysis of GNH index*. The Centre for Bhutan Studies, May 2012. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/10/An%20Extensive%20Analysis%20of%20GNH%20Index.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2012.

VEENHOVEN, R. Happy life years: A measure of gross national happiness. In: URA, K.; GALAY, K. (Eds.). *Gross national happiness and development*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2004. Disponível em: <<http://www.bhutanstudies.org.bt/pubFiles/Gnh&dev-14.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

WANGDI, K. Health. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2009a. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Health.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

WANGDI, K. Education. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2009b. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Education.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

ZANGMO, T. Psychological well-being. In: THE CENTRE FOR BHUTAN STUDIES. *Gross national happiness survey findings, 2007-2008*. Butão: The Centre for Bhutan Studies, 2009. Disponível em: <<http://www.grossnationalhappiness.com/wp-content/uploads/2012/05/Psychological-Wellbing.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2012.